

20 DE SETEMBRO

# O mito do gaúcho como herói formador do Rio Grande do Sul

A mudança na economia, se não fez surgir, deu mais destaque à figura que originou o mito do gaúcho. Conforme o historiador e especialista em história do Rio Grande do Sul, Moacyr Flores, a lenda do cavaleiro gaúcho, como herói formador do RS, surgiu com a literatura romântica no final do século XIX. “O herói formador de todas as culturas possui elementos de um arquétipo universal: é corajoso, hospitaleiro, honesto, sacrifica-se pelos amigos, luta contra o mal e não teme a morte. São atributos do herói grego, do cavaleiro medieval, do formador do clã africano, do formador do clã dos índios e do gaúcho, tanto brasileiro, argentino ou uruguaio”, aponta.

A origem do termo “gaúcho”, inclusive, difere muito do

significado que a palavra ganhou com o tempo e o qual é usado atualmente. O gaúcho original era uma espécie de bandoleiro, um homem que ganhava a vida roubando gado e negociando o couro, levando terror aos proprietários de terra e criadores. Conforme Flores, em 1750 apareceram os termos gaúcho e gaudério para designar “esses marginais que viviam da pilhagem na capitania de Rio Grande de São Pedro”. Durante a Revolução Farroupilha, inclusive, o termo gaúcho tinha sentido pejorativo, aponta o historiador. “O gauchismo nada tem a ver com a Revolução Farroupilha, porque, na época, o gaúcho era um marginal. Nem os imperiais, nem os farroupilhas queriam os gaúchos”, destaca, ressaltando



O termo original era de uma figura bem diferente da representada atualmente, inclusive pejorativo, apontam historiadores

que a construção da identidade de um povo, como o rio-grandense, é memória e não história. Moacyr Flores salienta que o mito não é uma mentira, e sim uma interpretação de uma realidade. “A construção do gaúcho mítico partiu do real e se

tornou plausível com referenciais históricos, passando no decorrer do tempo a ser considerada como conhecida de todos, embora seja uma criação que se processou lentamente, até se tornar anônima, formando uma tradição de geração em

geração”, aponta.

O historiador afirma ainda que o regionalismo rio-grandense surgiu dentro da corrente do Romantismo, “influenciada pelas ideias de federação dos liberais moderados e farroupilhas”.



Lanceiros Negros também foram protagonistas na Revolução Farroupilha

## A bravura e a participação dos Lanceiros Negros

A participação do povo negro na Revolução Farroupilha ficou marcada por parte dos combatentes que atuavam com lanças. Era um grupo que se destacava e ficou conhecido como Lanceiros Negros.

Apesar de ter sido escrita por incontáveis atos de bravura e coragem, a Revolução Farroupilha também carrega a mancha de uma das passagens mais tristes da história do Rio Grande do Sul. Era novembro de 1844, a guerra já se arrastava há nove anos e se encaminhava para o final, com negociações de paz em andamento. Na madrugada do dia 14, em Cerro de Porongos, área que hoje pertence ao município de Pinheiro Machado, uma emboscada realizada pelas tropas imperiais comandadas por Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, dizimou um grupo com centenas de soldados negros que faziam parte do grupo liderado por David Canabarro.

Uma corrente de historiadores defende que Canabarro teria facilitado o ataque imperial, tendo sido previamente avisado do avanço dos inimigos e desarmando os soldados negros, deixando-os à mercê do massacre que ocorreu. Não há certeza acerca dos motivos que teriam levado o general Farrapo a trair seus

soldados. Documentos e relatos orais indicam que Canabarro desejava o fim do conflito, e a derrota em Porongos enfraquecia os Farrapos, facilitando a assinatura da paz. O historiador Moacyr Flores aponta que os negros foram traídos porque o comandante das forças imperiais, o Barão de Caxias, tinha ordens de não lhes conceder anistia. Assim, com a eliminação dos negros, um dos principais entraves às conversações de paz deixaria de existir.

A exigência da libertação dos negros feita pelos Farroupilhas não era aceita pelo Império, que não queria antecipar um movimento abolicionista no País, o que impactaria sobremaneira a economia cafeeira e da cana de açúcar. Há correntes de historiadores que indicam que não houve traição por parte da Canabarro e que ele teria sido pego de surpresa pelo ataque. Uma carta supostamente escrita por Caxias para Moringue indicando um ataque é o documento mais forte da tese da traição, pois, no texto, Caxias apontava que o cenário havia sido combinado com Canabarro. Esses pesquisadores questionam a autenticidade da carta, que poderia ter sido forjada para desacreditar a figura do general Farroupilha.

VASCO MACHADO/REPRODUÇÃO/JC

REPRODUÇÃO/JC